

Considerações finais: Aprendendo com os erros

*“O trabalho do professor é o trabalho do professor
com os alunos e não do professor consigo
mesmo.*

*Como professor devo saber que
sem a curiosidade que me move,
que me inquieta, que me insere na busca,
não aprendo nem ensino.”*

(Freire, 2000)

Neste capítulo, as duas perguntas que servirão de base para este trabalho de pesquisa são retomadas com o objetivo de se fazer algumas considerações em um panorama maior deste estudo. Ainda apresento, em seguida, as limitações dessa pesquisa e algumas sugestões para pesquisas futuras.

Com relação à primeira pergunta de pesquisa, que diz respeito à maneira como os alunos percebem e vivenciam o erro oral em sala de aula de língua inglesa, constatou-se que esses aprendizes vivenciam o erro oral de forma natural. Para esses alunos, o erro é considerado normal pois faz parte das práticas recorrentes em sala de aula, e, dessa forma, é considerado como um fragmento importante no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Essa visão positiva da vivência do erro oral em sala de aula, verificada entre os participantes dessa pesquisa, condiz com o embasamento teórico proposto nesse trabalho, em que o erro é considerado como uma parte fundamental tanto no ensino como na aprendizagem.

No que diz respeito à segunda pergunta, com base na qual se investigou como os alunos vivenciam a correção do erro oral feita pelo professor, por um colega ou por eles próprios, entende-se que para esses aprendizes tanto o erro como a correção, de um modo geral, são complementares. A maioria dos alunos participantes dessa pesquisa não aparenta nenhum tipo de constrangimento ao ser

corrigido pela professora pesquisadora; entretanto, muitos afirmam já terem vivenciado momentos de extrema angústia ao serem corrigidos oralmente por outros professores. Acredita-se que esse sentimento positivo com relação à correção durante as aulas ocorra graças a manutenção do filtro afetivo e respeito propostos pela professora pesquisadora. A maneira positiva de tratar os enunciados errados dos alunos e o clima de confiança construído em sala de aula favorecem, segundo muitos dos alunos, uma vivência dos erros e da correção dos mesmos de forma harmônica. Em relação à postura dos alunos ante a correção dos erros orais, muitos mostraram-se intolerantes às tentativas da professora em retardar a correção imediata promovendo melhores oportunidades de aprendizado (Allwright & Bailey, 1991). Para muitos alunos, esse atraso na intervenção da professora ao efetuar algum movimento corretivo significa, de certa forma, um descaso com relação à sua produção oral na língua estrangeira. Dessa forma, entendo que essa postura dos alunos os remete à educação tradicional, em que o professor, novamente, seria o único detentor do saber e, portanto, o único capaz de corrigir.

No que diz respeito à correção imediata, através dessa atitude dos alunos, pude perceber que o que é esperado por eles, algumas vezes, não é comum às reações do professor. Entendo, com isso, que a expectativa dos alunos e a fundamentação teórica destoam em alguns momentos. Segundo Allwright & Bailey (1991), o ideal seria que esse atraso na correção realmente acontecesse, proporcionando aos aprendizes momentos em que eles tivessem oportunidades de aprendizado. Entretanto, pude verificar que nem sempre os alunos entendem dessa forma.

Ao considerar a maneira como os alunos vivenciam a correção feita por um par em sala de aula de língua inglesa, muitas condições foram percebidas. Essa visão de correção pode estar bastante relacionada ao fato de uns poucos alunos ainda não se sentirem tão à vontade com a correção feita por um colega. Para muitos aprendizes, a correção feita por um colega só é válida se este souber a resposta certa. Entretanto, muitos afirmam que quase sempre remetem a professora para a confirmação da resposta. Outra condição especificada pelos aprendizes é com relação ao afeto. A correção feita por um colega de maneira afetuosa e respeitosa, realmente com o intuito de ajudar, é muito bem recebida

pelo aluno que produz o enunciado errado. Muitos alunos mostraram-se receptivos à correção feita por um colega e conscientes de que essa ajuda é válida para seus estudos. Porém, para que essa conscientização ocorra, é necessário que seja desenvolvido um trabalho de respeito e colaboração em que os próprios alunos percebam que o conhecimento vai sendo (co) construído diariamente. O papel do professor é fundamental para que os alunos se sintam tranquilos e seguros com relação à correção, aproveitando seus benefícios para o desenvolvimento de suas IIs, e realmente se sentindo confiantes ao usar a língua estrangeira.

Com relação à auto-correção, entende-se que para os alunos é uma forma recompensadora de correção. O sentimento positivo dos alunos quando conseguem auto corrigir-se é de grande importância para o processo de aprendizagem, pois muitos entendem que quando são capazes de se auto corrigem, significa que entenderam a matéria. Dessa forma, entendo que a busca pela auto-correção é uma parte importante no processo de sócio-construção do conhecimento. Essa atitude positiva também remete à auto-estima, que, segundo Allwright & Bailey (1991), está diretamente relacionada a uma boa performance do aprendiz de uma língua estrangeira. A auto-estima, é portanto, um ponto fundamental que permite que o aluno, ao se tornar cada vez mais confiante, seja bem sucedido em seu aprendizado. Faz-se importante ressaltar que, afinal, essa atitude positiva quanto ao erro vivenciada pelos participantes e a correção são necessárias, ainda que não sejam a cura. Isso parece explicar o fato de que esses aprendizes reconhecem a “engrenagem” (cf: Kuschinir, 2002) natural que existe entre erro, correção e processo de aprendizagem.

Igualmente, pudemos perceber, com esse trabalho de pesquisa, que a grande maioria dos estudantes acredita que a correção é a cura para todos os seus erros. Muitos alunos afirmaram, que ao serem corrigidos pelo professor, não cometeriam o mesmo erro novamente. Entretanto, como sugerido por Allwright & Bailey (1991), corrigir um erro do aluno, mesmo que repedidas vezes, não significa que na próxima tentativa o aluno será bem sucedido. A crença de alguns alunos de que a correção seja a cura de seus erros pode explicar o fato de muitos valorizarem tanto esse momento, e ainda dá conta de explicar por que muitos se sentem desprestigiados quando o professor não realiza uma correção imediata.

Assim, retomando a questão da sala de aula como um evento social, podemos entender que sentimentos de frustração, vergonha e ansiedade são elementos que desestruturam um ambiente harmônico e propício para a aprendizagem, onde professores e alunos atuam como agentes sociais. Novamente, segundo Allwright & Bailey (1991), entende-se que muitos dos desentendimentos que acontecem em sala de aula remetem à questão de que nem sempre as expectativas de professores e alunos combinam.

Outro ponto fundamental que serviu de entendimento para esse trabalho é a receptividade dos alunos. Allwright & Bailey (1991) afirmam que o aluno receptivo à correção e à vivência do erro, como parte natural da aula, será também receptivo à aprendizagem de uma língua estrangeira, que requer uma participação ativa durante todo o processo.

Pude confirmar com esse trabalho de pesquisa que meus alunos são receptivos e aceitam bem a correção, e com isso facilitam o processo de ensino/aprendizagem. O mais interessante para mim foi perceber que todo o trabalho de interação em sala de aula foi muito bem recebido pelos alunos, passando para a esfera social. O relacionamento dentro e fora de sala ficou mais agradável, uma vez que eu não era só a professora, mais sim alguém que estava ali para colaborar com a aprendizagem. E o resultado desse relacionamento mais próximo e confiante reflete diretamente na qualidade de vida pessoal e durante as aulas.

Faz-se importante ainda ressaltar que, em muitos momentos, a teoria e a prática se complementaram, corroborando para um melhor entendimento da prática pedagógica e das questões propostas nessa pesquisa. Entretanto, a questão do erro na produção oral vivenciado em sala de aula não é tão simples, pois alguns alunos afirmaram já terem vivenciado problemas sérios nesse aspecto. Dessa forma, a questão do medo de errar, ressaltada por Palmer (1998), esclarece muitos questionamentos acerca dos erros orais. Pude perceber que muitos desses alunos que comentaram já terem vivenciado problemas com a correção, demonstravam considerável medo em participar oralmente das aulas, havendo aqui um perfeito encaixe entre o que Palmer (1998) afirma na teoria e o que acontece na prática.

Entretanto, esta pesquisa apresenta algumas limitações, como utilização apenas das respostas dos alunos aos questionários e as transcrições das aulas como fonte de dados. A utilização de entrevistas com os alunos participantes dessa

pesquisa contribuiria bastante para uma análise dos dados mais específica e precisa.

Por acreditar que a vivência do erro oral e os movimentos corretivos são elementos recorrentes em sala de aula de língua estrangeira, sugiro como desdobramentos desta pesquisa que uma investigação, através de entrevistas, seja realizada mais detalhadamente com o objetivo de buscar entender melhor os reflexos da vivência e da correção oral nos processos de ensino e aprendizagem.

Após discutir a respeito da importância da vivência do erro oral em sala de aula de língua inglesa, acredito que esta investigação possa contribuir para melhorar a prática pedagógica, já que entender como os alunos se sentem no momento do erro oral e os reflexos dessa vivência como parte do processo de sócio-construção de conhecimento pode ser benéfico tanto para os professores como para os alunos.

Espero, ainda, estar contribuindo com este estudo para uma prática de ensino mais voltada para as características individuais, dando mais importância aos sentimentos de cada aluno, e mantendo constantemente um filtro afetivo adequado para que não sejam vivenciados constrangimentos ou inibições nos alunos.

Finalmente, espero que esta pesquisa seja vista como um possível começo de muitos *acertos* na prática pedagógica com relação à correção dos erros orais dos alunos, que muito têm a contribuir para uma prática de ensino mais voltada para os seus interesses e expectativas já que estão diretamente envolvidos no aprendizado de inglês como língua estrangeira. Espero, também, que este estudo contribua para que professores e alunos entendam que o aprendizado e a convivência em sala de aula são momentos únicos e podem ser decisivos na vida acadêmica de um aluno, a ponto de motivá-lo ao sucesso ou frustrá-lo definitivamente. Novamente, volto ao início deste trabalho e afirmo, após todo este estudo, que *é errando que se aprende*.

7.1

Palavras finais

Como professora, acredito que esta pesquisa foi de grande importância tanto para minha vida profissional como pessoal. Acredito que este estudo pôde contribuir como motivação para aulas melhores e mais produtivas para meus alunos. Espero, por último, que este estudo ajude a conscientizar professores e alunos da importância que deve ser atribuída ao estudo de uma língua estrangeira, e ainda da participação ativa de todos os participantes do contexto da sala de aula. Com tudo isso, espero ter aprendido (e continuar aprendendo) com meus erros, tornando me mais tolerante com os erros dos meus alunos, e buscando sempre procurar entender, além do indivíduo, o processo de aprendizagem como um todo.